

# V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura  
27 a 29 de maio de 2009  
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

## O RITUAL DE ALIMENTAÇÃO DE ALMAS DE UMA VILA GARIMPEIRA DA CHAPADA DIAMANTINA: TENSÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UMA MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA

Luciana Onety da Gama Sobral\*

**Resumo:** Este artigo resulta de pesquisa desenvolvida na vila garimpeira de Igatú de Chique-Chique, na Chapada Diamantina, Bahia, tendo como objeto central a manifestação religiosa denominada Terno das Almas, realizada durante o período da quaresma por moradores locais. O Terno, patrimônio cultural imaterial da comunidade, desapareceu por duas décadas, retornando sob novas condições históricas e desde então, vem se ressignificando frente ao desafio da modernidade. Proponho-me a analisar a riqueza que permeia as representações mentais, sociais e religiosas dos elementos da comunidade que giram em torno do ritual, pois este vem se revelando um *locus* de sociabilidades, conflitos, tensões sociais e incorporações, que amalgamados, permitiram que a tradição fosse renovada.

**Palavras-chave:** Manifestação; Religiosidade; Garimpo; Tradição; Modernidade.

### INTRODUÇÃO

A Chapada Diamantina é palco, durante o período da quaresma, de um ritual religioso que mistura variados elementos simbólicos e religiosos. Trata-se do Terno das Almas da vila de Igatú de Chique-Chique. Durante 40 dias, um grupo de moradores sai à noite, sob a liderança de uma mulher, em peregrinação rumo a lugares ermos da região, envoltos em lençóis, para recitar benditos em homenagem aos mortos, que são “acordados” pelo som estridente de uma matraca.

Inicialmente, traçarei um breve histórico da vila de Igatú, seguido de uma análise do Terno das Almas desde as primeiras décadas do século XX até seu “adormecimento” de 23 anos. Em seguida, abordarei o retorno desta manifestação e os conflitos advindos do confronto entre as antigas tradições e o desafio das novas incorporações. Concluirei analisando a relevância do Terno e seus constituintes para a comunidade, bem como, desvendando algumas estratégias empreendidas pelos sujeitos

---

\* Graduada em História pela Universidade Católica do Salvador, pós-graduanda em História Social e Econômica pela Faculdade São Bento da Bahia. E-mail: [lucianaonety@yahoo.com.br](mailto:lucianaonety@yahoo.com.br).

envolvidos para que a revitalização fosse possível e como as noções de tradição e permanência chocam-se no imaginário e na prática destes elementos sociais frente ao desafio da ressignificação de suas tradições.

## UM BREVE HISTÓRICO DA PEQUENA VILA DE IGATÚ DE XIQUE-XIQUE

Igatú de Chique-Chique é uma pequena vila, localizada na Serra do Sincorá na Chapada Diamantina, quase 1.000 metros acima do nível do mar, distante 13 km de seu município sede, Andaraí, Bahia. Suas vias de acesso limitam-se a duas: uma estrada de pedras construída em parte por escravos, ou através de uma trilha íngreme, no meio da mata. Atualmente, a vila é conhecida por turistas e amantes da natureza como um refúgio de paz e tranqüilidade devido a seu isolamento geográfico e natureza exuberante. Mas Igatú nem sempre teve esta fama, pois segundo o corógrafo Gonçalo Pereira<sup>1</sup>, surgiu como um efervescente centro de exploração diamantífera durante a segunda metade do século XIX e chegou a contar com alguns milhares de habitantes vindos principalmente do Grão Mongol (Minas Gerais), sedentos de fortuna, que “multiplicou a população existente” (GOMES, 1952, p. 227).

Entretanto, com o esgotamento dos veios diamantíferos e o conseqüente fim do ciclo do diamante por volta dos anos 40 do século XX, Igatú virou uma cidade fantasma. Garimpeiros deixaram suas casas, jovens migraram para cidades vizinhas ou para o sudeste do país em busca de emprego, dezenas de casas foram abandonadas, portas, janelas e telhados arrancados formavam um cenário de devastação e abandono. Este contexto foi devidamente registrado nas fotos tiradas no início dos anos 70 pelo fotógrafo italiano Rino Marconi, quando em visita pela região e que fazem parte do calendário de 2005 da Galeria Arte & Memória, de Igatú. Naquela época, a vila não possuía mais do que 170 habitantes que tinham como principal atividade econômica a coleta e venda da planta nativa *Syngonanthus mucugensis Giulietti* ou Sempre-viva de Mucugê<sup>2</sup>, apanhada nas proximidades do município de mesmo nome. Segundo uma

---

<sup>1</sup> Gonçalo de Athayde Pereira (1863-1944) nasceu na freguesia de S. João do Paraguaçu, atual Mucugê, neto e sobrinho de minerador, vinculado ao IGHB e diretor do Boletim de Agricultura. Considerado o maior corógrafo da Chapada Diamantina, escreveu em 1937 a obra Memória Histórica e Descritiva do Município de Andaraí, onde dedica um capítulo à vila de Chique-Chique, atual Igatú.

<sup>2</sup> De acordo com o site [www.projetosempreviva.com.br](http://www.projetosempreviva.com.br), visitado em 07/07/2008, a planta Sempre-viva é endêmica da região e nos anos 90 estava ameaçada de extinção devido a três décadas de coletas

moradora local, Danúsia Leite dos Santos<sup>3</sup> a vida dos coletores era muito difícil pois demandava enorme sacrifício e tempo, porém, era a única opção de sobrevivência econômica para a maioria dos moradores da região. Ela relata que:

Igatu estava acabada e nós vivia de coletar a Sempre-viva que a gente colhia em Mucugê. Não tinha outra coisa pra gente fazer. A gente levava até 15 dias embrenhado no meio dos mato, era um sufoco danado. Meus pais colhia os fardo, aí nós vendia tudo para os comerciantes da cidade, Seu Otávio, o Guina e o Seu Juraci, que vendia pra outro lugar<sup>4</sup>.

Com a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina em 1985, do Projeto Sempre-viva em 1996 e do tombamento de Igatú pelo IPHAN em 1999<sup>5</sup>, a vila voltou-se para o ecoturismo como fonte de renda para a comunidade. Com o impulso advindo do turismo, Igatú voltou a crescer e hoje conta com 367 habitantes. Danúsia dos Santos testemunhou a decadência da vila e também assistiu ao crescimento decorrente da mudança de foco econômico e conta-nos os efeitos sentidos em sua vida e na dos moradores da comunidade:

Com a chegada do turismo, ninguém mais ficou sem trabalho. Os homens foram trabalhar como pedreiro, marceneiro, guia de turista e as mulheres como empregada nas casas dos turistas que vem morar aqui ou outra coisa qualquer. Eu mesma trabalho no Centro Cultural e de lá tiro meu sustento. Nós não precisa mais pegar flor para viver. Acabou aquele sufoco todo<sup>6</sup>.

O ecoturismo, enquanto atividade turística e econômica alternativa, cada vez mais freqüente em áreas de concentração de riquezas naturais, insere-se na proposta de preservação do patrimônio natural e cultural de forma sustentável, mitigando os impactos ao meio ambiente e humano através da conscientização ambiental. (BRITO, 2005). Em Igatú, o melhor exemplo de patrimônio cultural a ser preservado é o Terno das Almas, uma tradição antiga segundo moradores da vila e que é o foco deste estudo,

---

indiscriminadas. Nos anos 60 a exportação para o mercado europeu atingiu as 30 toneladas anuais, com cotações altíssimas, chegando o valor a atingir 500 euros por apenas meio quilo da flor.

<sup>3</sup> Danúsia Leite dos Santos, 49 anos, moradora de Igatú e líder do Terno das Almas, concedeu inúmeras entrevistas durante quase dois anos, tornando-se fundamental para a realização desta pesquisa. Neste artigo citarei trechos de depoimentos colhidos em sua residência nos dias 22/01/2008, 21 e 22/03/2008.

<sup>4</sup> Depoimento cedido em 22/01/2008.

<sup>5</sup> O tombamento de Igatú foi solicitado por moradores da vila ao IPHAN em 1998, registrado sob o nº 1411-T-98 (2 volumes) e publicado no Diário Oficial da União de 07/07/1999, seção 3, p. 36-37, passando o conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da vila, a gozar da proteção oficial do Poder Público Federal.

<sup>6</sup> *Idem*.

merecendo, a partir deste ponto, uma análise detida envolvendo sua história e relevância.

## **O TERNO DAS ALMAS E SEU DESAPARECIMENTO DE DUAS DÉCADAS**

Em algumas regiões do sertão baiano é muito forte a presença de manifestações do catolicismo popular que “incorporou em largos traços as expressões medievais do catolicismo português” (SILVA, 1982, p. 14), a exemplo do Terno das Almas de Igatú de Chique-Chique. Por todo o vale do Rio São Francisco e adjacências existem inúmeras referências ao ritual da alimentação, lamentação, recomendação ou encomendação das almas. O pesquisador, sociólogo e antropólogo Donald Pierson<sup>7</sup>, apontou a existência desta procissão em seus estudos realizados na região do Vale do Rio São Francisco, no início dos anos 50:

Constituída de uma curta jornada feita em várias ocasiões durante a Quaresma ao longo de um caminho pré-determinado com sete paradas, em cada uma das quais são oferecidas orações, é em parte semelhante, se não idêntica, à jornada ao longo da Via Sacra e às preces (...) cantadas em vez de faladas. Em determinados intervalos usa-se também uma matraca. (...) considerada um esforço da parte dos vivos para auxiliar as almas dos mortos no Purgatório. (PIERSON, 1972, 146).

O relato de Pierson encontra similaridades com a ritualística apresentada no Terno das Almas ora analisado, como por exemplo, nas paradas, no uso da matraca, na tradição das preces cantadas ou benditos e no objetivo religioso, qual seja, auxiliar as almas dos mortos. Buscando analisar mais profundamente esta expressão religiosa e cultural da vila, procuramos antigos moradores de Igatú, que porventura se recordassem do Terno no passado, no que nos deparamos com as irmãs Monteiro: Dávia e Angelita, que nasceram e foram criadas na vila, dela só se ausentando durante os anos escolares. Elas se recordam do Terno no seu tempo de juventude nos anos 40 e 50 e dos entraves morais que impediam a sua participação. Angelita Monteiro lembra-se que:

No tempo de meu pai e de minha mãe já existia o Terno e muita gente daqui fazia, mas a gente não participava. Naquela época a educação era mais rígida,

---

<sup>7</sup> Donald Pierson (1900-1995) nasceu em Indianapolis, Indiana, EUA. Ph.D. pela Universidade de Chicago, trabalhou como professor na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, onde lecionou Sociologia e Antropologia Social no período de 1939 a 1959.

meu pai não deixava a gente participar porque era de noite...e moça donzela não podia sair à noite. Mas era tão bonito...<sup>8</sup>

Dávia Monteiro reitera e complementa o raciocínio da irmã, fornecendo maiores detalhes sobre os costumes da vila naquela época:

É porque moça solteira, de família, não podia sair de noite depois das dez horas sozinha, era proibido. Só acompanhada dos pais ou de uma pessoa mais velha. Como nossos pais não iam, a gente também não podia ir. A gente via pela janela os penitentes passarem...<sup>9</sup>

Estas memórias nos permitem concluir que a vila de Igatú vivia, nos idos dos anos 40, sob códigos morais rígidos, impostos pela autoridade paterna, onde havia espaços interditos às mulheres consideradas ‘de família’ e, conseqüentemente, o Terno, ainda que inserido no cotidiano religioso e no imaginário cultural da comunidade, condicionava-se a participação à obediência a determinados preceitos de ordem moral.

Ainda segundo os depoimentos de Danúsia dos Santos e Antônia Santana Silva<sup>10</sup>, nos anos 70, havia dois ternos em Igatú. Ambos saíam às ruas, durante a quaresma, iniciando na sexta-feira após a quarta-feira de cinzas e terminando na sexta-feira da paixão. O ritual repetia-se todas as segundas, quartas e sextas, sempre à noite, a partir das 22:00 hs e estendia-se até por volta da meia-noite, uma hora da manhã. A procissão, elemento comum na devoção popular brasileira (AZZI, 1978), envolvia dezenas de pessoas, homens e mulheres envoltos dos pés à cabeça em lençóis brancos e consistia em se fazer sete paradas ou estações em pontos estratégicos na periferia da vila (cemitérios, cruzeiro) onde benditos em homenagem às almas eram entoados, sendo que a última parada deveria sempre ser realizada na porta da Igreja de São Sebastião, padroeiro de Igatú<sup>11</sup>. Entre uma estação e outra, o silêncio e a contrição reinavam absolutos, sendo quebrados apenas pelo som impactante da matraca, tocada pela líder do Terno.

Os ternos evitavam se encontrar devido às diferenças culturais e de classe reinantes entre eles. Um era conhecido como **terno limpo** por ser realizado por moradores da vila enquadrados nos rigorosos padrões morais tradicionais da

---

<sup>8</sup> Depoimento cedido por Angelita Monteiro em 22/01/2008 em sua residência em Igatú.

<sup>9</sup> Depoimento cedido por Dávia Monteiro em 22/01/2008 em sua residência em Igatú.

<sup>10</sup> Conhecida como Dona Tonha, nascida em Igatú, tem 51 anos. Depoimento colhido em sua residência em 21/01/2008.

<sup>11</sup> A igreja de São Sebastião foi construída em pedras por garimpeiros em 1857.

comunidade, homens e mulheres casadas e solteiras acompanhadas de seus pais ou por alguma mulher mais velha. Já o outro terno, **o sujo**, contava com a participação de elementos considerados de conduta moral repreensível na comunidade, como por exemplo, prostitutas e homossexuais e revela uma maior flexibilização moral em meio aos rigores impostos por alguns elementos da vila. Danúsia dos Santos revela-nos detalhes do terno sujo e de seus participantes:

Havia até um homossexual no terno sujo, Joaquim de Ireño, que vivia da venda de bolinho e brevidade na vila (...). O terno sujo era comandado por Dona Dudu que recebia todo mundo no seu terno: prostituta, viado, mulher separada, todo mundo. Qualquer um podia participar.<sup>12</sup>

Estas informações revelam-nos aspectos fundamentais acerca do Terno das Almas. Muito mais do que apenas um espaço reservado ao sagrado, o Terno configurava-se num território repleto de subjetividades (ROLNIK, 1992) que expunha as tensões sociais existentes na vila, bem como, a forma como o padrão de comportamento moral dominante, criou fronteiras simbólicas e reais, forjou preconceitos e fomentou a intolerância social e a marginalização devido a uma atividade de rejeição das alteridades. Esta postura é muito comum em comunidades conservadoras e arraigadas ao seu passado histórico (SENNA, 2002), refratárias às mudanças e ao convívio com elementos que adotem atitudes não condizentes com as tradicionais ou costumeiras. Deduzimos ainda, que, os segmentos marginalizados da comunidade criaram, estrategicamente, uma teia de solidariedade e resistência, que lhes permitisse vivenciar a experiência do sagrado dentro de um contexto social que lhes era desfavorável.

Durante anos, os ternos foram realizados em Igatú, no entanto, com a morte das antigas líderes dos ternos estes acabaram desativados, “porque ninguém mais fazia...”<sup>13</sup>. Isto ocorreu por volta do início dos 80, quando a vila vivia o acúmulo de décadas de decadência econômica e o ápice da evasão populacional. Como reflexo de tais circunstâncias adversas, o Terno acabou sendo “esquecido” e assim permaneceria pelas próximas duas décadas.

## **O TERNO RESSURGE SOB NOVAS CONDIÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS**

---

<sup>12</sup> Depoimento cedido em 22/01/2008.

<sup>13</sup> Cedido por Antônia Santana Silva em 21/01/2008.

Em 2002 o artista plástico baiano, Marcos Zacariades, foi morar em Igatú, onde empreendeu a tarefa de retomar antigas tradições da região. Ele viria a exercer um importante papel no retorno do Terno, conforme apreende-se de seu próprio relato:

Uma das condições de meu trabalho é memória. (...). O Terno, eu tinha curiosidade de saber sobre ele...já tinha 23 anos que ele havia desaparecido...fui então, tentar resgatar esta manifestação. Chamei algumas senhoras pra conversar, as pessoas que eu sabia que tinham entrado no terno no passado (...) e essa conversa já virou um ensaio. Eu percebia que todo mundo gostava do terno, ele deixou de existir porque a cidade estava em decadência, então todas as suas manifestações estavam decadentes. (grifo nosso)<sup>14</sup>

Este discurso revela-nos que a importância do Terno ainda estava viva na memória de antigos participantes mesmo depois de duas décadas de aparente esquecimento e reforça as palavras do historiador Alfredo Bosi quando afirma que “A memória é o centro vivo da tradição” (BOSI, 1987, 53). O Terno não estava morto, nem tampouco esquecido, ele estava apenas “adormecido” em meio às dificuldades diárias enfrentadas pelos moradores da vila na luta pela sobrevivência. Como elemento constituído e constituinte das tradições culturais locais, o Terno foi reativado ao menor esforço pois “a cultura não morre (...). Se ela for, de fato popular, enquanto existir povo ela não vai morrer. Cultura popular é a cultura que o povo faz no seu cotidiano e nas condições em que ele a pode fazer” (BOSI, 1987, 44).

Ao reunir antigas participantes do Terno, Marcos ajudou a acender uma chama que imediatamente pegou fogo, pois o acervo mnemônico, que retinha fatos e aprendizados da cultura popular e da tradição de oralidade na memória das pessoas da comunidade, estava latente, porque “a memória é a mais épica de todas as faculdades” (BENJAMIN, 1985, p. 210). Conforme depoimento de Zacariades, percebe-se que ao estímulo empregado, correspondeu uma resposta positiva da comunidade, ou seja, o discurso deste encontrou ressonância em meio às antigas participantes, e isto determinou o sucesso do retorno do Terno:

Eu fiz a reunião numa segunda a noite que já virou ensaio, na terça e na quarta elas resolveram sair já pra rua, porque era Semana Santa. Foi uma coisa muito

---

<sup>14</sup> Depoimento cedido por Marcos Zacariades em 22/01/2008 na Galeria Arte e Memória em Igatú.

rápida, espontânea. Você via que ainda estava muito forte a vontade, só precisava de um estímulo.<sup>15</sup>

Desta reunião, realizada na casa das irmãs Monteiro, participaram dentre outras pessoas, Danúsia dos Santos, que era a única que ainda recordava-se vividamente dos benditos entoados por sua mãe e avó e portanto, assumiu a partir de então, um papel destacado de líder do ritual. Hoje, ela é conhecida em Igatú como a “dona” do Terno.

Entretanto, o Terno que ressurgiu em 2003 é muito diferente dos anteriores, muito menos rígido. Primeiro, porque já não são mais dois ternos, mas apenas um. Neste, as fronteiras sociais e simbólicas foram flexibilizadas frente às alteridades. Mulheres, jovens e crianças a partir dos 8 anos, acompanhados ou não por um responsável, podem participar. As estações que antes eram rigorosamente em número de sete, agora são quatro ou cinco, de acordo com a resistência dos participantes e se o tempo na região estiver favorável. Com chuva forte, faz-se apenas duas ou três paradas. O outrora silêncio que reinava entre os partícipes enquanto peregrinavam, foi substituído por risinhos abafados e conversas paralelas entre os jovens. A tudo isso, acrescenta-se a presença crescente de turistas, pessoas estranhas ao ritual, que na maioria das vezes, ignoram seu significado e vêem o Terno apenas como uma manifestação religiosa exótica. Danúsia dos Santos ressentia-se com a falta de respeito e com a pouca importância dada ao ritual por pessoas de fora da vila e pelos jovens moradores do local:

Os turistas não sabe a importância do Terno pra gente. Eles acha bonito, bacana, mas não entende não. Os jovens também (...). Eles acham que é para se divertir, que pode ficar rindo, conversando, não levam as almas com respeito. Pior, tem uns que quando a gente passa, joga pedra, areia na gente, puxa o lençol, chama a gente de alma penada, de agourenta (...) as almas é coisa de respeito, não é molequeira.<sup>16</sup>

Esta tensão existente entre elementos novos e mais velhos da comunidade, fez com que no Terno realizado em 2008, uma parte considerável dos mais de 60 participantes, fosse “convidada” a se retirar da procissão pois estavam tumultuando o ritual. Segundo Zacariades, uma parcela dos jovens de Igatú fazem do Terno, “...um oba-oba, uma oportunidade de fazer algo diferente, somente isso. Não entendem a

---

<sup>15</sup> *Idem.*

<sup>16</sup> Cedido em 21/03/2008.



ritualística envolvida”<sup>17</sup>. O resultado é que na sexta-feira da paixão, fim do ciclo litúrgico da quaresma, dia em que se realiza o último e mais importante terno do ano, havia apenas 23 pessoas participando e cinco turistas acompanhando.

Analisando estes pormenores percebe-se que para alguns elementos da vila, o Terno é uma opção de lazer e um espaço de sociabilidade, em meio a um lugar carente de atividades que envolvam os jovens. Para estes, o ritual não possui o mesmo significado que para os mais velhos.

Este novo Terno, além de não ser mais tão rigoroso na forma e na conduta como os antigos, também está inserido na proposta do turismo para a região, de valorização dos elementos culturais de forma sustentável. Zacariades, homem envolvido no mundo das artes e sensível aos ventos da mudança, incorporou a esta manifestação cultural um valor comercial até então ausente. Ele filma o Terno e comercializa os filmes, divulgando o evento e atraindo pessoas para a região. A publicidade em torno do ritual tem fomentado o turismo cultural e religioso e como consequência, tem aumentado o fluxo de visitantes, propiciando um incremento na oferta de empregos que tem proporcionado aos igatuenses uma melhor condição de vida, minimizando o fantasma do desemprego, da evasão populacional e da pobreza.

Isto, no entanto, tem gerado alguns conflitos no seio da comunidade pois não são todos os participantes que se agradam das filmagens e mesmo da presença dos turistas na vila, pois a propaganda acerca do Terno e das belezas de Iगतú, têm atraído também elementos considerados indesejáveis para a comunidade por destoarem de suas tradições e costumes. Danúsia dos Santos se queixa que “hoje tem drogas, maconheiro, hippie cabeludo, uns malucos, tudo morando por aqui. Antes não tinha nada disso. Tá certo que eles trás dinheiro, emprego, mas eles não entende nossos costumes.”<sup>18</sup>

Quanto à questão da geração de lucros, a postura de alguns dos antigos participantes do ritual é a de encararem isso como sinal de desrespeito aos mortos e de deturpação da função real do evento para a comunidade, qual seja, a de manter na memória dos vivos o respeito pelos mortos, pois eles “são a memória da família e é também através deles que se traça a sequência lógica da sua continuidade” (BRANDÃO, 1986, p. 188). A líder do Terno manifesta-se desfavoravelmente diante da possibilidade de ganho monetário e declara que:

---

<sup>17</sup> Cedido em 21/03/2008.

<sup>18</sup> Cedido em 21/03/2008.

O Terno não é pra ganhar nada não. Nós nos apresentamos em Palmeiras e no Capão e ganhamo sabonete, chá, mas nós faz isso pela devoção dos mortos mesmo, não é por dinheiro, num é pra ganhá as coisas. O Terno não é pra ganhá dinheiro, nunca foi. (...) O Terno é pra reza pelas almas. Minha mãe já rezava, agora eu rezo pela minha mãe, pela minha avó, por um mundo de gente. Quem é que não tem seus mortos pra rezá?<sup>19</sup>

## CONCLUSÃO

O Terno das Almas de Igatú de Chique-Chique, enquanto tradição “adormecida” teve sua recuperação, como resultado de um processo de adaptações e ressignificações. Sua base simbólica permaneceu, mas os atores envolvidos, a ritualística e as motivações, dentre outras questões, são novas. Vale enfatizar que a dinâmica cultural, econômica e social da comunidade mudou e como não é possível “congelar” as tradições, engessando-as no tempo, o Terno reapareceu em 2003 sob novas condições históricas.

A tradição não é estática, ela necessita da dinâmica própria da ruptura, pois de outra forma, ela estaria fadada ao desaparecimento. Ela é moldada na passagem do conhecimento de uma geração para a outra, seja através da oralidade ou da escrita, mas são as incorporações que permitem que a tradição se revitalize.

A tradição (...) na medida em que afasta qualquer possibilidade de ruptura, ela se quer perene e eterna, sem aperceber-se de que a ausência de movimento termina condenando-a à estagnação da morte. A necessidade da ruptura se torna, em consequência, imperiosa, para restituir a dinamicidade ao que parecia “sem vida”.(BORNHEIM, 1987, 15).

Marcos Zacariades é um personagem polêmico em meio à vila de Igatú, sendo respeitado por alguns como elemento catalisador do retorno do Terno, que abriu um leque de possibilidades antes não aventadas pelos moradores da vila que não vislumbravam uma função prática no ritual, mas apenas religiosa, contribuindo para colocar Igatú na rota do turismo cultural e religioso. Para outros, no entanto, Marcos é visto com ressalvas, como um agente que interfere nos antigos costumes, com suas idéias de incorporações de modernidade.

---

<sup>19</sup> *Idem.*

Um morador que pediu para não ser identificado declarou que “ele quer o monopólio do Terno (...). Mas o Terno é da comunidade, não é dele”<sup>20</sup>. Este depoimento é revelador da desconfiança de alguns sujeitos sociais de que a atuação de Marcos seja parte de uma estratégia de controle e um mecanismo para expropriar da população este rico “bem” cultural.

A história do Terno é a história de sujeitos sociais que se tensionam quanto à forma de conceber e de se apropriar do ritual religioso como uma possibilidade, quer de renovação, quer de manutenção das tradições. A retomada do evento está longe de representar um consenso em Igatú, o que expressa modos de vida, de percepção e de relações distintas com o sagrado.

O diálogo entre o antigo e o moderno sempre foi difícil, pois faz parte da dinâmica histórica a resistência às mudanças, pois a tradição se quer permanente, enquanto a história busca a mudança, a renovação. (BORNHEIM, 1987). Neste sentido, recuperar a história do Terno em Igatú, impõe-nos também a obrigatoriedade de revisitarmos a tradicional tensão existente sempre que um historiador se apropria de um determinado tema de pesquisa: a questão das rupturas X continuidades, pois “tradição e ruptura se espelham reciprocamente, e a dialética dos dois termos esclarece a quantas andamos nessa grande esquina que é a história de nosso tempo.” (BORNHEIM, 1987, p. 29).

Portanto, importa-nos saber o que o Terno manteve preservado de seus aspectos simbólicos e religiosos, o que de novo foi instituído, além do que de antigo foi ressignificado. Assim, buscamos recuperar o sentido e o significado que o Terno das Almas tem para os moradores de Igatú, ao tempo em que, procuramos apreender, ainda, nesta manifestação cultural as tensões de classe, as redes de solidariedade, bem como, o que tem significado como espaço próprio de relação com o sagrado e também como espaço de sociabilidade.

## **Referências**

AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil. Aspectos históricos.** Edit. Vozes. Petrópolis: 1978. 156 p.

---

<sup>20</sup> Depoimento cedido em 18/11/2008 em Igatú.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. V.1. Edit. Brasiliense. Rio de Janeiro: 1985. p. 210.

BORNHEIM, Gerd A. **O Conceito de Tradição**. In: BORNHEIM, GERD *et al.* Cultura Brasileira. Tradição/Contradição. Jorge Zahar Editor/Funarte. Rio de Janeiro: 1987. 17 p.

BOSI, Alfredo. **Cultura como Tradição**. In: BORNHEIM, GERD *et al.* Cultura Brasileira. Tradição/Contradição. Jorge Zahar Editor/Funarte. RJ: 1987. 28 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo. Um estudo sobre religião popular**. 2ª ed. Edit. Brasiliense. Rio de Janeiro: 1986. p. 188.

BRITO, Francisco Emanuel Matos. **Os Ecos Contraditórios do Turismo na Chapada Diamantina**. EDUFBA, 2005, 418 p.

GOMES, Josildete. **Povoamento da Chapada Diamantina**. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, nº 77, 1952, p. 221-238.

PEREIRA, Gonçalo de Athayde. **Memória Histórica e Descritiva do Município de Andarahy**. Secretaria Municipal de Educação. Salvador: 1937. 89 p.

PIERSON, Donald. **O Homem no Vale do São Francisco**. Tomo I. SUVALE. Rio de Janeiro: 1972. p. 146.

ROLNIK, Raquel. **História Urbana: História na Cidade?** In: FERNANDES, Ana (Org.). Cidade & História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. UFBA, Salvador: 1992, p. 27-31.

SENNÁ, Ronaldo de Salles. **Passado Projetado e Presente Anterior: o século XX que foi possível traduzir**. In: NEVES, E. F. *et al.* Bambúrrios e Quimeras. Olhares sobre Lençóis: narrativas de garimpos e interpretações da cultura. Feira de Santana: 2002. UEFS. p. 215-249.

SILVA, Cândido da Costa. **Roteiro da Vida e da Morte. Um estudo do catolicismo no sertão da Bahia**. Edit. Ática. São Paulo: 1982. 94 p.